

Obra de Amilcar de Castro causa impacto em Berlim

Acostumados ao realismo socialista, moradores da cidade indagaram sobre significado da escultura

FABIO CYPRIANO
Especial para o Estado

BERLIM - Amilcar de Castro ficou satisfeito com o trabalho dos alemães, que executaram sua obra a partir de uma maquete. "A precisão deles é impressionante, fizeram tudo direitinho", ressaltou com o sotaque mineiro. O artista mora em Belo Horizonte desde o começo dos anos 70.

Antes, viveu três anos em Nova York, com uma bolsa da Fundação Guggenheim e do Salão Nacional. "Tive de pesquisar outros materiais lá, pois eles não trabalham com ferro, e fiz obras em aço e alumínio; mas, desde que voltei ao Brasil, retornei ao ferro."

O material usado na obra de Berlim, bem como em todas as suas peças, é o aço SAC (soldável e anticorrosivo) 41, mesmo material utilizado pelo escultor norte-americano Richard Serra. Esse tipo de aço desenvolvido pelos japoneses cria um tipo de ferrugem que isola o oxigênio, impede sua deterioração e deixa a peça com aspecto de ferro.

Atualmente, Castro está construindo um ateliê a 30 quilômetros de Belo Horizonte, com estrutura desse mesmo aço.

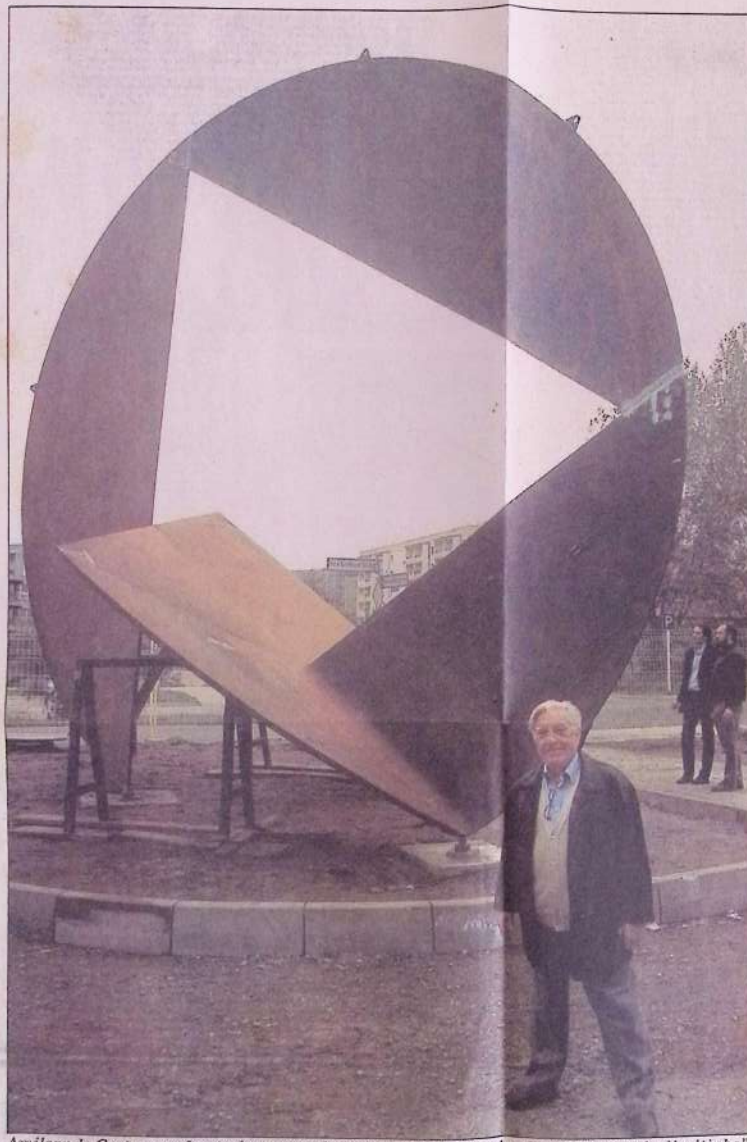
Página e obra - O escultor mineiro não é apenas um dos mais destacados escultores brasileiros, mas também um dos seus mais importantes artistas gráficos e diagramadores. Foi chamado para desenvolver vários projetos gráficos para jornais e revistas. "Mas não vejo diferença na maneira como organizo uma página ou crio uma escultura", afirma. "A forma como faço uma escultura é muito parecida com uma diagramação."

Advogado formado em Belo Horizonte, Castro desistiu cedo da profissão. Ao mesmo tempo que estudava na Faculdade de Direito, ele já estava na Escola Guignard desde sua fundação, em 1942, pelo então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek. Lá teve aulas com o pintor fluminense Alberto da Veiga Guignard, até 1950, quando se mudou para o Rio.

Foi em 1952 que criou sua primeira escultura em aço com uma chapa dobrada. "Desde então, todas as esculturas que faço são um desdobramento dessa primeira." A obra foi apresentada na 2.ª Bienal de São Paulo, em 1953, e desde então Castro participou de mais outras quatro bienais, além de ter obras em todos os museus importantes de arte contemporânea do Brasil.

Em 1959, Castro assinou o *Manifesto Neoconcreto*, contra as ideias do alemão Max Bill, diretor da Bauhaus, que pregava a impessoalidade da arte e defendeu o movimento concreto durante sua passagem por São Paulo.

Claro que, no Brasil, as ideias alemãs a favor da ausência de emoção na arte seriam rejeitadas e a reação foi o manifesto realizado no Rio, assinado, entre outros artistas, por Ferreira Gullar e os escultores Lygia Clark e Franz Weiss-



Amilcar de Castro, em frente de sua escultura em Berlim: "Os alemães fizeram tudo direitinho"

mann.

Aula de abstracionismo - Durante a instalação da escultura em Berlim, os moradores do conjunto habitacional, todos acostumados ao realismo socialista, perguntavam o que a obra representava e acaba-

ram recebendo uma aula sobre abstracionismo por parte da administração do condomínio.

A escultura em Berlim é a primeira de Amilcar de Castro a ser realizada para a Alemanha. O artista já executou trabalhos para a Inglaterra, o Japão e a Venezuela, além de ter participado de exposições em vários países. A obra de Berlim já faz parte do acervo de obras públicas da cidade, da mesma forma que esculturas de Richard Serra e Käthe Kollwitz.



Guindaste em ação: obra foi a primeira a chegar em Hellersdorf

Produção do artista tem cor de Minas e formas do mundo

Para o americano Richard Serra, ele é um dos grandes nomes internacionais da escultura moderna

ANTONIO GONCALVES FILHO

Em sua visita ao Brasil, em novembro, o escultor norte-americano Richard Serra não teve nenhuma dificuldade em afirmar que o colega brasileiro Amilcar de Castro figura entre os maiores nomes da escultura mun-

sobre a transformação da matéria. O próprio peso da chapa de ferro é aproveitado para fazer a dobra. Sem soldas, Amilcar deixou de usar o sistema de prensa para dobrar as chapas, trocando-o por maçaricos. Eles esquentam o ferro e produzem formas que exigem ser concluídas pelo olho do espectador. São como letras cortadas à faca, signos de uma geometria transformada pelo poder do homem, em que o plano vira volume.

Não se deve esquecer que Amilcar foi aluno de Guignard. O pintor obrigava seus alunos a usar um lápis duro que por vezes atravessava a superfície do papel, criando volumes. É possível dizer que a escultura de Amilcar nasce, portanto, do papel - e, de fato, os cortes e dobras nas

**DOBRAS NAS
PEÇAS DE FERRO
LEMBRAM AS
FEITAS EM PAPEL**

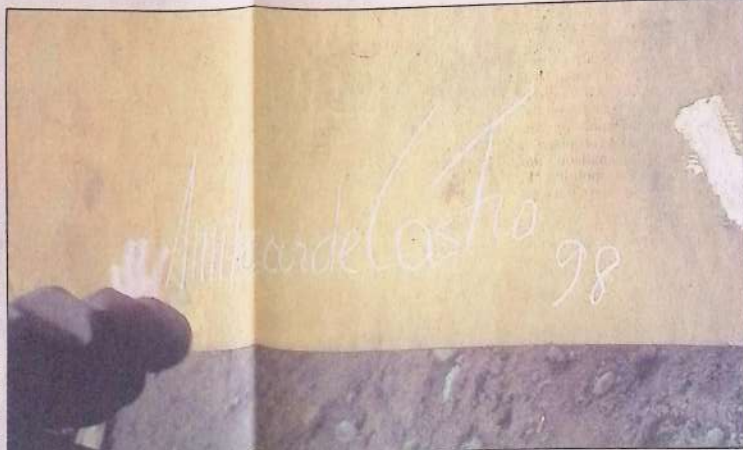
forma original de tratar a geometria, aliada à despojada simplicidade e um toque de gênio para executar variações sobre um mesmo tema há 50 anos e, ainda assim, surpreender a cada nova peça.

Basicamente, a estrutura dessas esculturas, pequenas ou grandes, parece imutável. Cortes e dobras fazem das chapas de ferro parábolas

ro surgem com a mesma facilidade de um barquinho ou um aviãozinho numa folha. Detalhe lírico: foi também observando os telhados de Ouro Preto que Amilcar percebeu o jogo de planos e os cortes no espaço. Sua escultura, como os telhados coloniais mineiros e as telas de Lucio Fontana, cria uma nova dimensão espacial, deixando passar o ar e sugerindo desenhos nesse espaço.

Como no espacialismo pictórico anunciado por Fontana, Amilcar de Castro rompe com a forma ideal da escultura para estabelecer uma conexão íntima entre o espaço exterior e sua obra. Com isso alivia a peça de seu peso (o ferro) e provoca a transformação do material rígido num gesto leve no espaço, traços de um desenho virtual que não abandonam jamais o porto seguro da geometria, projetando sombras de esferas e triângulos contra o céu.

Outra característica da escultura de Amilcar é a ausência de cor. O escultor mineiro, deliberadamente, deixa o ferro oxidar. Cor é para pintores, que interpretam o mundo com pincel e tintas. Sua interpretação passa apenas pela estrutura. A ferrugem é a cor de Amilcar, a cor de Minas, a cor que vai identificar, na Alemanha, o talento do grande nome da escultura brasileira, que deu ao País artistas como Aleijadinho, Sérgio Camargo e Lygia Clark. O gigante Amilcar de Castro é o guardião dessa tradição.



A assinatura do brasileiro: escultor já criou trabalhos para a Inglaterra, o Japão e a Venezuela

PERSONA

CÉSAR GIOBBI



Vera Lafer recebeu Kika Rivetti, na inauguração de sua loja Frederic Chopin, na Oscar Freire



Felipa Pinto Basto e o marido, José Roque de Pinho, com o cônsul de Portugal, José Guilherme Alaiide, na exposição Vista Alegre



As cunhadas Alessandra e Vera Salem admiram os detalhes dos cristais sofisticados

Mão dupla

Jorge da Cunha Lima recebeu ontem, das mãos de Monique Gardenberg, as cópias dos vídeos gravados durante todo o Free Jazz.

Isto faz parte de um acordo da empresa Dueto com José Alvaro Moysés, quando o Ministério da Cultura aprovou o projeto do festival em sua lei de incentivo. Como a Souza Cruz vai conseguir, graças a isso, deduzir cerca de 65% dos US\$ 4 milhões que o festival custou de seu Imposto de Renda, o ministério queria uma contrapartida de ordem pública.

E, como, por causa dos custos, seria impossível fazer um show gratuito ou cobrar preços populares, ficou combinado que as TVs Cultura e Nacional usariam gratuitamente as imagens gravadas pela produção do evento em cadeia nacional.

Catálogos prontos

Os catálogos da Bienal ficaram prontos. Pelo menos três dos quatro que estavam programados.

São três livros muito bonitos e bem editados. O maior é sobre as mostras do Núcleo Histórico, no espaço museológico e fora dele, no terceiro andar, reunidas sob o título *Antropofagia - História e Canibalismo*. Outro livro é sobre as mostras do segundo andar, reunidas sob o nome de *Roteiros, Roteiros, Roteiros...*, tirado do manifesto antropofágico de 1922. E o terceiro é sobre as representações nacionais, que estão no primeiro andar e parte do segundo.

Os livros têm textos dos curadores Paulo Herkenhoff e Adriano Pedrosa que explicam toda a ideia sofisticada desta mostra. Agora, só falta sair o livro sobre a representação nacional, que deve ficar pronto em breve. Um li-

"Um banco é um estabelecimento que nos empresta um guarda-chuva num dia de sol e o pede de volta quando começa a chover..."
(Robert Frost)

Musicais na tevê

Depois que a DirecTV anunciou a exibição do musical *Cats*, de Andrew Lloyd Weber, as emissoras abertas abriram os olhos. Também querem musicais americanos para apresentar como especial de fim de ano.

Maurício Goldberg, da Multipole, que adquiriu os direitos de distribuição no Brasil, já está negociando a exibição de um ciclo anual que inclui *Jesus Christ Superstar*, para 99, e *Sunset Boulevard* para o ano 2000.



Maria Raduan circulou pela nova Merceria São Roque, inaugurada no Jockey, segunda-feira

Visita ao concorrente

Para quem ainda não se convenceu que a situação da Rede Manchete é grave, aí vai uma dica a mais.

O superintendente comercial da Manchete, Osmar Gonçalves, foi visto, terça-feira, circulando pelos corredores da Record, confirmando as suspeitas de que pode haver negociação entre as emissoras. Ou será que a negociação é com ele próprio?

Novos chefes

Os veteranos do SBT não gostaram de ler o novo organograma da empresa, resultado de uma reunião na segunda-feira e distribuído pela emissora, na terça. Aparecem lá, como diretores de programação, dois jovens que chegam dos setores administrativo e financeiro. Paula Cavalcanti, que vai cuidar dos programas de auditório de Silvio Santos, Gugu e Hebe, era administradora do teatro da Vila Guilherme. E Daniel Sherrer, que vai ficar com o jornalismo, os programas de Jô Soares e Marília Gabriela, mais as novelas, está na empresa há apenas cinco anos, é jovem e tem formação de empresário. Os demais diretores foram garimpados no mercado, em fábricas de cerveja e sabonete. O que dá uma ideia, segundo os veteranos, dos rumos da emissora. Números e nada mais...

Agenda apertada

Pelo menos 250 chiques paulistas serão convidados para jantar com o príncipe Albert de Mônaco e sua comitiva de 40 pessoas, formada por ministros, empresários e banqueiros, num dos dois jantares que lhes serão oferecidos em São Paulo, nos dias 9 e 10. Os convites ainda estão sendo preparados, portanto, melhor reservar as datas e uma boa beca. O traje pedido deve ser escuro. E os jantares serão sentados, com placement.

O do dia 9 será no Jockey, para 150 pessoas escolhidas, e quem convida é Carmen Machline, consuleira de Mônaco em São Paulo. Beto Machline está organizando um páreo ou mais em homenagem ao príncipe.

O do dia seguinte será no Leopoldo, para outros 200 convidados, com cozinha de Alain Ducasse, que chega no avião do príncipe e, desta vez, não deve fugir. O anfitrião da noite é o ministro Chefe de Estado do principado, Michel Leveque.

A delegação ficará dividida. O príncipe, o ministro e parte da comitiva ficarão no Malsoud. Os monegascos mais amigos de Carmen Machline serão seus hóspedes.

No dia 11 de manhã, o príncipe será recebido pelo prefeito, Celso Pitta. À tarde, vai a Brasília, para se encontrar com o presidente FHC.

Sacolas e mais sacolas

Viviane Senna devia estar com o guarda-roupa bem desatualizado. Ou, então, encontrou um novo amor. Só isso pode justificar oito horas seguidas de compras. Viviane entrou na Daslu, dia desses, ao meio-dia. E saiu de lá às 20 hs. Carregada de roupas de gênero bastante clássico.

Moça não entra

O Piantella, em Brasília, que continua o reduto dos mais poderosos que passam pela capital, não está mais deixando entrar moças desacompanhadas. A decisão é recente, fruto da insistência de alguns dos seus frequentadores mais importantes. Parece que andaram acontecendo cenas constrangedoras: gente graúda sendo assediada por moças de luxo. E o momento não é indicado para isso.

Depois, quem sabe...

Com a colaboração de Karla Sarquis

E-mail: persona@estado.com.br

SOPA DE LETRINHAS

■ Aniversário de Roberta Suplicy, de Daniela Crespi de Camaret, que recebe os amigos para comemorar, de Regina Martinez, que festeja o seu no Jockey, e de Luiz Felipe Gelpi, que faz uma festa para os amigos em casa.

■ Angelo Leuzi e Ricardo Roman Jr. comandam a festa de reabertura do Club B.A.S.E., que foi totalmente repaginado e passa a se chamar B.A.S.E. POP.

■ Paulo Montoro e Kelly White recebem hoje em torno de Marcos Duprat, nosso cônsul em Buenos Aires, que chega para abrir uma

■ Com cardápio assinado pelo chef Hamburger Wilhelm, a Mistral Importadora, em parceria com o Consulado Geral da Áustria, faz jantar degustação da linha de vinhos austríacos, no Hotel Transamérica.

■ Hildy Woolson, ex-Souza Ramos, terá uma coluna social no novo jornal The Independent, em português, para a colônia brasileira em Miami. E, a partir de novembro, um programa de entrevistas no Canal 41 de lá.

■ Andrea Matarazzo é o entrevistado de hoje da Roy Altenfelder e do

FUNDAÇÃO MAGDA TAGLIAFERRO APRESENTA:

Concertos
Matinais

ERICSSON

Roberto Szidon - piano

DIA 25 DE OUTUBRO, DOMINGO, 11 HORAS

M-BE - Rua Alameda, 221
Informação: 533-8815
Direção artística: Fábio Caronara